

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

KAREN ARRUDAS DE CASTRO

**O SUJEITO CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICANÁLISE E OS IMPACTOS NA
FORMAÇÃO INTEGRAL DIANTE DE UMA EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

NOVA FRIBURGO

2025

KAREN ARRUDAS DE CASTRO

**O SUJEITO CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICANÁLISE E OS IMPACTOS NA
FORMAÇÃO INTEGRAL DIANTE DE UMA EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Ms. Vinícius Soares Pinto

Nova Friburgo

2025

O SUJEITO CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICANÁLISE E OS IMPACTOS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DIANTE DE UMA EDUCAÇÃO JESUÍTICA

THE CONTEMPORARY SUBJECT THROUGH THE LENS OF PSYCHOANALYSIS AND THE IMPACT ON INTEGRAL FORMATION WITHIN JESUIT EDUCATION

Karen Arrudas de Castro¹

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre os impactos da Formação Integral, fundamentada na Educação Jesuítica, na constituição do sujeito contemporâneo, a partir de um olhar psicanalítico. Em um contexto social marcado pela lógica neoliberal, pela cultura da performance e pela fragmentação das relações, observa-se o crescente adoecimento psíquico de crianças, adolescentes e adultos. A partir de uma pesquisa bibliográfica e um estudo teórico-reflexivo, com abordagem qualitativa e interpretativa, o texto analisa como essas transformações afetam o desenvolvimento subjetivo dos indivíduos, utilizando autores como Freud, Lacan, Bauman, Birman, Han e Dunker para caracterizar os modos de sofrimento atuais. Para o aprofundamento do aspecto da Formação Integral, foram utilizados como base os principais documentos recentes norteadores da Companhia de Jesus e da Rede Jesuíta de Educação (RJE), que orientam práticas educativas comprometidas com o desenvolvimento humano pleno. A Educação Jesuítica, com seu olhar sensível e reflexivo, se apresenta como ferramenta potente para promover processos educativos humanizadores, capazes de desenvolver sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com o bem comum. Conclui-se que a educação, para ser verdadeiramente transformadora, precisa reconhecer o sujeito em sua integralidade e promover espaços que acolham, escutem e deem sentido às experiências humanas.

Palavras-chave: Psicanálise. Neoliberalismo. Educação. Formação Integral. Educação jesuítica.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá, com formação em Clínica Psicanalítica pela mesma instituição. Psicóloga clínica em Nova Friburgo/RJ, de abordagem psicanalítica, e Orientadora Educacional do Ensino Fundamental II no Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ. E-mail: karen.acastro@hotmail.com

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the impact of Integral Formation, grounded in Jesuit Education, on the constitution of the contemporary subject from a psychoanalytic perspective. In a social context marked by neoliberal logic, a culture of performance, and fragmented relationships, there is a growing prevalence of psychological distress among children, adolescents, and adults. Based on a bibliographic review and a theoretical-reflective study with a qualitative and interpretative approach, this article analyzes how these transformations affect individuals' subjective development. It draws on authors such as Freud, Lacan, Bauman, Birman, Han and Dunker to characterize contemporary forms of suffering. To deepen the discussion on Integral Formation, key guiding documents from the Society of Jesus and the Rede Jesuíta de Educação (RJE - Jesuit Education Network, Brazil) were used, which promote educational practices committed to comprehensive human development. Jesuit Education, with its reflective and compassionate approach, emerges as a powerful tool for fostering humanizing educational processes capable of shaping conscious, critical individuals committed to the common good. The study concludes that, for education to be truly transformative, it must recognize the subject in their entirety and promote spaces that welcome, listen to, and make sense of human experiences.

Keywords: Psychoanalysis; Neoliberalism; Education; Integral Formation; Jesuit Education.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo atravessado por intensas transformações sociais, culturais e subjetivas, em que os indivíduos, sobretudo os mais jovens, se constituem em meio a exigências constantes de performance, produtividade e competição. A lógica neoliberal tem imposto um modelo de existência no qual o valor do sujeito se mede pela sua capacidade de resposta imediata, muitas vezes desumanizando os processos formativos e afetivos essenciais ao desenvolvimento integral. O sujeito contemporâneo, neste cenário, é convocado a ser cada vez menos pessoa e mais produto, capturado por ideais inalcançáveis de sucesso e excelência, que geram efeitos psíquicos profundos, como ansiedade, solidão, depressão e sensação de fracasso constantes.

Diante de uma realidade fragmentada e superficial, marcada por exigências cada vez mais intensas e contraditórias, torna-se urgente pensar alternativas educacionais que rompam com essa lógica reducionista. Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo geral analisar os impactos da Formação Integral Jesuíta no sujeito contemporâneo, à luz da psicanálise, considerando as diversas demandas

psíquicas e sociais que o atravessam. Para tanto, propõe-se: (1) caracterizar o sujeito contemporâneo a partir da perspectiva psicanalítica, levando em conta os aspectos sociais e psicológicos que atravessam seu desenvolvimento; (2) examinar as características da Formação Integral, fundamentada na Educação Jesuítica, com ênfase em suas três dimensões – cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa; e (3) refletir sobre as possíveis transformações que essa formação pode promover nos sujeitos da contemporaneidade. Parte-se da premissa de que qualquer transformação significativa na subjetividade e nas relações sociais exige uma educação que reconheça o ser humano em sua totalidade: um sujeito que pensa, sente, sofre, deseja, constrói e se reconstrói a partir das relações e da afetividade.

Para cumprir esses objetivos, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica (Gil, 2008) e o estudo teórico-reflexivo (Severino, 2007), com abordagem qualitativa e interpretativa. O primeiro passo da pesquisa foi caracterizar o sujeito contemporâneo sob o olhar da psicanálise, compreendendo os atravessamentos sociais e subjetivos que incidem sobre sua constituição. A partir da obra de Sigmund Freud, passando pelas contribuições de Jacques Lacan, Zygmunt Bauman, Joel Birman, Christian Dunker e Byung-Chul Han, traçou-se um panorama dos modos de sofrimento atuais, profundamente marcados pela cultura da performance, da exposição e da autogestão emocional.

Num segundo momento, analisou-se a proposta da Formação Integral a partir dos fundamentos da Educação Jesuítica, por meio do estudo dos documentos norteadores da prática pedagógica da Rede Jesuíta de Educação. Nessa perspectiva, entende-se que os princípios educativos da Companhia de Jesus — como a *cura personalis*, o discernimento, a reflexão contínua e o serviço ao outro — oferecem meios concretos de resistência e reconstrução frente aos impactos da lógica neoliberal. A formação que se propõe integral reconhece a complexidade do ser humano, valoriza sua singularidade e busca desenvolver suas potencialidades em todas as dimensões da existência.

Por fim, nas considerações finais, o trabalho retoma os pontos centrais da reflexão e costura os caminhos apontados ao longo do texto, reafirmando a importância de uma educação humanizadora, comprometida com a formação de sujeitos comprometidos, críticos, compassivos e conscientes. Em um mundo cada vez mais fragmentado, pensar e promover uma formação verdadeiramente integral

torna-se não apenas uma escolha pedagógica, mas um gesto ético, político e transformador.

2 O SUJEITO CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICANÁLISE

Para iniciar a reflexão de como a psicanálise² enxerga o sujeito diante do contemporâneo, parto do princípio do que é o sujeito para a psicanálise. Dedicado a pensar o sujeito em sua constituição psíquica, a partir de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Sigmund Freud inaugura para nós pontos importantes que dizem respeito à uma escuta atenta ao que está para além do discurso (dito) do sujeito, que precisa ser desvendado e revelado à consciência, para então dissolver os sintomas gerados por traumas até este momento desconhecidos para o próprio sujeito. A partir disso, a psicanálise começa a ganhar reconhecimento, sobretudo no século XX, e começa a ser entendida enquanto um novo campo de investigação da mente humana e que, apesar da resistência inicial da comunidade médica e científica da época, consolidou-se entre os pensadores da ciência humana, que avançou em aceitar haver muito mais para além do que a medicina tradicional se prestava a responder, e se dedicando a desvendar tais questões através da escuta clínica psicanalítica.

Surge a partir deste momento o conceito de inconsciente, pré-consciente e consciente descritos por Freud (1900), e que após reformulações de sua própria teoria, ele renomeia a organização psíquica do sujeito em três instâncias: Id, Ego e Superego.

Para Freud (1923), o sujeito é um campo de conflito psíquico, que se divide entre id, ego e superego.

Dissemos que, se a nossa divisão da *psique* em um Id, um Eu e um Super-eu significa um progresso em nosso conhecimento, ela deve revelar-se também um meio para a compreensão mais profunda e melhor descrição das relações dinâmicas da vida psíquica (Freud, 1923, p. 49).

² A psicanálise é um campo teórico-clínico criado por Sigmund Freud no final do século XIX, com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Trata-se de um método de investigação do inconsciente, que busca compreender os conflitos psíquicos, os sintomas e os modos de subjetivação por meio da escuta e da fala. Desde então, a psicanálise se desenvolveu em diversas vertentes, mantendo como eixo central a importância do inconsciente na constituição do sujeito.

Com isso, o id destina-se às pulsões instintivas e princípio de prazer desse sujeito; o Ego, em contrapartida, atua mediando os impulsos do Id, através do que concebe enquanto realidade externa e princípio de realidade, auxiliando em seu pensamento lógico e consciência; por fim, o Superego destina-se, no aparelho psíquico, à internalização de normas e valores que permeiam a existência desse sujeito, funcionando como consciência moral e reprimindo os desejos demandados do Id.

Tal concepção nos faz olhar para o ser humano de forma singular e subjetiva, pois entendemos que cada sujeito se constitui de uma maneira, através de tensões inconscientes que constantemente entram em choque com a realidade externa em que cada um está inserido, e que se transformam no sintoma e sofrimento psíquico. Tais sintomas e demandas de sofrimento aparecem, até hoje, nos contextos analíticos e terapêuticos para elaboração e cura, e que estão inseridos e evidenciados também, conforme veremos no presente trabalho, nos contextos escolares e educacionais.

Paralelo a isso, em uma releitura do que aponta Freud, Jacques Lacan reformula a concepção de sujeito para a psicanálise, entendendo-o enquanto um ser que se constitui na e pela linguagem, sempre em busca de satisfazer seu desejo e preencher a falta originária existente e determinante para a constituição deste sujeito.

E, com efeito, aquilo a que a descoberta de Freud nos conduz é a imensidão da ordem em que ingressamos, na qual, por assim dizer, nascemos uma segunda vez, saindo justamente do estado denominado *infans*, sem fala, ou seja, a ordem simbólica constituída pela linguagem, e o momento do discurso universal concreto e de todos os sulcos abertos por ele nessa hora, onde foi preciso nos alojarmos (Lacan, 1966, p. 446).

A linguagem tem, diante disso, um papel fundamental na formulação do inconsciente, e conseqüentemente na constituição subjetiva de cada um, através do processo de simbolização e constituição de sua identidade e organização psíquica.

Nos constituímos em relação, na e pela linguagem, sempre diante da relação com o Outro. Tal relação com o Outro tem origem na relação materna, e a partir daí todo o processo de identificação, simbolização, escolha de objeto e constituição subjetiva vão tomando forma, marcados pelas experiências externas vivenciadas, essenciais para tal formulação de sujeito.

Diante dos apontamentos acima, entende-se que, para a psicanálise, existe um percurso e cisão em cada sujeito, que o tornam agentes constituídos por seus discursos, desejos e falta constituinte, o que os coloca em movimento constante, buscando a satisfação e tamponamento desta falta originária, sempre em busca de um novo amor, uma nova ambição, uma dita felicidade plena, mas que, essencialmente, nunca será satisfeita, por não ser possível alcançá-la. Seguimos sempre em busca desse impossível de satisfazer, e sem desistir dele.

Posto isso, enquanto parte do objetivo dessa pesquisa, torna-se necessário pensar a o indivíduo também em seu âmbito social. Da mesma maneira que o sujeito se constitui através da linguagem, não há como pensar um sujeito individual sem percebê-lo enquanto sujeito socialmente integrado e constituído.

Para isso, retorno ao que construiu Freud, no texto do Mal-Estar na Civilização (1930), a respeito dos conflitos inerentes à vida social.

A civilização é compreendida e se constrói, para Freud, através da renúncia instintual de cada indivíduo, para, a partir daí, nos aproximarmos da vida regida pela ética e por um Supereu cultural que tende a lidar com isso que se torna renunciado em prol de um bem comum, privando-se assim da sua dita liberdade.

No entanto, isso não ocorre sem um preço. Estar em sociedade não é tarefa fácil, requer elaboração, privação e recusas importantes inerentes aos sujeitos. Por isso, não se trata apenas de recusar os instintos de cada um, faz-se necessário dar destino a eles para que não se transformem em fontes de agressividade e ou de angústia. Para que o sujeito se integre a uma civilização, ele precisa, antes disso, passar por um processo de reorganização psíquica, na tentativa de canalizar o que é reprimido para que viva bem em sociedade. Tal reorganização pode se dar através, entre outros aspectos, da sublimação, como apontado no texto de Freud a seguir:

A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada. Cedendo à primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização (Freud, 1930, p. 39-40).

A sublimação é, com isso, uma maneira que o aparelho psíquico encontra para lidar com a frustração cultural enfrentada pelo sujeito, principalmente por ter passado pelas renúncias apontadas acima. Com isso, esta é uma tentativa de

redirecionar os instintos do eu e sexual para outras vias, como atividades científicas, ideológicas e artísticas.

Pretendo agora dar um salto conceitual. Partimos de Freud, entendendo as demandas que constroem os sujeitos em sociedade, formulado pela recusa aos instintos e à liberdade para a construção sociocultural da civilização, de forma que, para que um sujeito esteja “bem” em sociedade (entre aspas pois o bem se coloca diante de privações e sublimação do desejo de cada um), ele precisa antes disso passar por um contexto de reorganização psíquica e destinação de seus desejos naturais e instintivos. Refletiremos agora, sobre o que Zygmunt Bauman nos coloca a respeito das transformações do sujeito na contemporaneidade, transformações estas caracterizadas principalmente pelo conceito de Modernidade Líquida (Bauman, 2001).

Enquanto Freud nos aponta que a sociedade precisa de sacrifício e repressão para se sustentar, ter seus princípios bem estruturados, fixos e duradouros, Bauman traz um contraste com isso, nos sinalizando que a sociedade se encontra hoje em um contexto de fluidez, transformando-se em uma sociedade líquida e instável. Partimos, então, de um estado de repressão dos desejos, para uma dita liberdade excessiva e frágil. Vai de um Supereu cultural com limites rígidos de ação, a um processo de reinvenção de si obrigatória e constante, causando nos sujeitos muita fragilidade, insegurança e desamparo.

A existência diante do que aponta Bauman (2001) está pautada em características de constante transformação, onde os sujeitos vão se esvaecendo dos princípios que os solidificam, e vão se tornando cada vez mais frágeis, com laços sociais superficiais e individualizados. Além disso, não há como não mencionar o quanto a durabilidade e decisões a longo prazo tornaram-se ameaçadoras aos sujeitos, que se sentem em risco quando diante de algo que não seja instantâneo, e buscam substituir isto por decisões a curto prazo e rápidas, na esperança de que algo imediato vá trazer a eles maior garantia de satisfação.

Bauman (2001), em Modernidade Líquida, explana para nós de forma muito didática e profunda, o quanto a liquidez dos novos tempos tem afetado a nossa sociedade de uma maneira geral. Uma lógica social de competição, pouco aprofundamento nas relações, esvaziamento dos olhares e instabilidade constante são marcas evidentes do que estamos vivenciando na sociedade que fazemos parte,

pois a ordem do consumo e descarte faz menção não apenas a bens materiais, mas a relações e pessoas, e isso custa um preço alta para nós, seres humanos.

E para muitos dos contemporâneos, talvez a maioria, sua ancoragem no presente é, na melhor das hipóteses, instável, e muitas vezes prima pela ausência. Vivemos num mundo de flexibilidade universal, sob condições de *Unsicherheit* aguda e sem perspectivas, que penetra todos os aspectos da vida individual — tanto as fontes da sobrevivência quanto as parcerias do amor e do interesse comum, os parâmetros da identidade profissional e da cultural, os modos de apresentação do eu em público e os padrões de saúde e aptidão, valores a serem perseguidos e o modo de persegui-los (Bauman, 2001, p. 170-171).

Quando falamos de um novo modelo de sociedade, falamos também de novos modos de sofrimento, afinal o sofrimento é inerente ao ser humano, e se manifesta de formas e em contextos diferentes. Com isso, o sofrimento na modernidade líquida é caracterizado por um leque amplo de características, como a insegurança, a fragilidade das relações sociais, a sobrecarga que se coloca nas escolhas, a dificuldade em lidar com a diversidade, levando ao medo do estranho e conseqüentemente ao medo do não pertencimento. O sujeito busca por um padrão identitário, na tentativa de pertencer a um coletivo, mas não sessa de sentir-se solitário pela dificuldade de acompanhar as mudanças existentes nos grupos. Isso se transforma em insegurança, ansiedade em relação ao futuro, isolamento social por conta da fragilidade das relações, tornando-se seres ainda mais solitários e com esvaziamento pessoal.

A partir daí, ao refletir sobre a questão Identitária, faço um paralelo com o quanto há, no contemporâneo, o enfraquecimento do ideal coletivo, e conseqüentemente do fortalecimento do individualismo, a autopreservação e conservação de si, o que em certa medida, coloca o outro como inimigo e/ou ameaça ao sujeito, construindo assim “...uma sociedade ao mesmo tempo depressiva e narcísica, cuja nova religião seria a crença na terapia da alma baseada no culto de um ego hipertrofiado” (Roudinesco, 2021, p. 16). Sujeitos cada vez mais voltados para dentro, pouco preparados para encarar o externo, o que os afasta cada vez mais do diverso, e em uma busca doentia por um eu ideal, ilusório e irreal em diversos contextos.

Partindo desse princípio, faz-se necessário pensar também, como têm se constituído a subjetividade diante desse contexto. Já entendemos, a partir do que foi relacionado à constituição do sujeito para a psicanálise, que o sujeito se dá através

de suas construções subjetivas e das relações. Desta forma, não há como pensar no ser humano como alguém com construções fixas e essencialistas. Diferente disso, olha-se para o sujeito de forma fluida, flexível e em constante construção e reconstrução. E isso se dá em todo o processo de formação desse sujeito, desde a infância até sua vida adulta.

Joel Birman (2020), na obra *O Sujeito na Contemporaneidade*, nos aponta algumas características na constituição dos sujeitos diante das experiências subjetivas contemporâneas. Uma dessas características, e que julgo relevante apontar aqui, é a que diz respeito à predominância da dor em detrimento do sofrimento. Segundo ele, a experiência psíquica do sujeito contemporâneo é marcada pela sensação de dor, evidenciando uma posição solipsista e provocando o fechamento do sujeito em relação ao outro, o que provoca nele uma paralisia em relação à sua dor, não permitindo a esse sujeito ser desejante e a fazer qualquer tipo de elaboração de sua experiência de dor, e conseqüentemente transformar isso em ações compulsivas (hiperatividade, violência, automutilação, entre outras). Trata-se de uma posição puramente narcísica, com implicações diretas na maneira com que esse sujeito se coloca em sociedade. “Imersa na dor do ressentimento, portanto, a subjetividade contemporânea se evidencia como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de quem em princípio desconfia e rivaliza” (Birman, 2020, p. 140).

Como resultado de todas essas transformações na constituição de sujeitos, chegamos ao sujeito neoliberal. Sujeito esse que é redefinido por uma lógica onde a liberdade individual torna-o um agente econômico racional no mercado. Não se trata apenas de um modelo econômico, mas de uma configuração social que busca produzir determinado tipo de subjetividade, tornando os sujeitos empreendedores de si.

É um modo de vida que torna turva, opaca, a capacidade de se colocar no lugar do outro, pois sobreviver torna-se uma intensa corrida contra o tempo na busca pela produtividade. O indivíduo impera sobre o coletivo, diante de uma realidade em que os bens sociais já foram privatizados, afinal não existe mais amparo se você não puder pagar por ele (Pinto, 2021, p. 64).

Trata-se de uma sociedade marcada pela produtividade, pela objetificação de sujeitos e relações e por uma lógica de competitividade absoluta. A potência do neoliberalismo é performativa, decodifica e recodifica identidades, valores e formas de se colocar no mundo, redefinindo, assim, a subjetividade humana.

Tal concepção de sujeito e construção social transforma a forma em que o indivíduo encara seu corpo, suas relações, seus afetos e competências, de forma que tudo se transforma em produtividade e consumo. Surge então, uma lógica de desempenho e produção que rege e impera sobre as relações sociais.

Byung-Chul Han (2015), em *A Sociedade do Cansaço*, mostra que o sujeito neoliberal não é controlado por proibições externas, e sim por autoexploração internalizada. A lógica da performance faz o indivíduo acreditar ser totalmente responsável pelo seu sucesso e conseqüentemente seu fracasso, o que o torna suscetível ao individualismo, intensificando a sensação de isolamento e adoecimento psíquico, tão predominante na contemporaneidade.

Esse é o preço pago pelo aparelho psíquico, que nos direciona aos novos modos de encarar o sofrimento na contemporaneidade. Os modos de sofrimento e suas nomeações se transformaram. Maximiza-se essa lógica comercial, produtiva e expositiva em detrimento de um reconhecimento de si mesmo, de forma que o sujeito só se reconhece se estiver produzindo. Há, então, um esvaziamento de si, para dar lugar a uma lógica do consumo.

Diante desse contexto, o mal-estar psíquico é instaurado na existência humana e se manifesta de diversas maneiras diferentes. A individualização do fracasso encarada pelo sujeito que não se encaixa na lógica mercadológica, a culpa provocada pela insuficiência por não atingir às demandas de satisfação e sentimento de inadequação. A solidão, frustração e ansiedade proveniente da competitividade maciças à que a existência se reduziu, diante da lógica de parecer melhor, mais bonito, mais feliz e bem-sucedido. Os sofrimentos são patologizados e medicalizados de forma desenfreada e perdem a possibilidade de serem simbolizados, afinal, não há tempo hábil para existir e sentir, pois tornou-se urgente produzir, competir, ter excelência e sucesso.

Sobretudo em uma sociedade cujo *modus operandi* neoliberal dialoga intimamente com o alicerce promovido pela política do *enhancement*, em que todos podem ser “uma versão melhorada e mais produtiva de si”, e “uma versão potencializada de si”, com todas as ironias inseridas nesta última expressão (Dunker, 2021, p. 153).

Olhando para isso, e percebendo a maneira com que a sociedade vai se modificando, é desafiador pensar alternativas de modificar essa realidade tão adoecida e reducionista em que estamos inseridos. Tal lógica se reproduz já na

infância e adolescência, e é aí o lugar em que podemos agir para minimamente transformar.

Nossos adolescentes já são medicalizados por depressão³ e transtorno de ansiedade, jovens adultos já encontram-se com Síndrome de Burnout e fadados ao sentimento de insuficiência e fracasso. Tudo isso começa cedo. Tudo isso, se não houver um pensamento humanizado e sensível, começa a ser cobrado já nas escolas e relações infantis. Se diante de um contexto educacional, reproduzirmos essa lógica do desempenho e sobrecarga, estaremos reproduzindo e promovendo ainda mais adoecimento psíquico.

Portanto, coloco-me a refletir, a partir da Formação Integral Jesuítica, sobre a importância, para não dizer a necessidade, de uma educação e formação que permita ao sujeito ser pensado de maneira integral e humana, rompendo essa lógica mercadológica e de desempenho, e entendendo as especificidades de cada sujeito, abrindo espaço para momentos de reflexão, olhar para si, deparar-se com o vazio existencial que se coloca de maneira quase insuportável de enxergar em si mesmo. É desafiador fugir da lógica já instaurada, mas, diante do contexto educacional e de uma pedagogia humanística que a Educação Jesuítica se propõe ser, é possível pensar o ser humano de forma integral e integradora, fazendo frente a tudo isso que já foi apontado no texto, e olhando com mais sensibilidade ao que de bom há na sociedade.

3 FORMAÇÃO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO JESUÍTICA: DIMENSÕES CONSTITUTIVAS E POTENCIAL TRANSFORMADOR

Para começar essa reflexão sobre o quanto a formação integral se dispõe a pensar a humanidade enquanto um ser e estar completo, e não a pura aquisição de conhecimento, julgo pertinente um debruçar sobre o que é formar sujeitos integralmente.

Quando nos damos conta do quanto a educação básica tem a contribuir para a vida dos sujeitos apontados no decorrer do presente artigo, há uma tendência, para mim, a nos sensibilizarmos ao que tem sido trazido como pauta de formação a

³ Segundo Jonathan Haidt, no livro *A Geração Ansiosa* (2024), os índices de depressão grave entre adolescentes aumentaram, em média, 150% entre 2010 e 2020, em ambos os sexos, apesar de mais evidente entre as meninas.

estes jovens e crianças. E nesse sentido, Pe. Luiz Fernando Klein, em 2017, aponta que:

A Educação Integral é a que: 1) exerce uma ação de tipo abrangente, envolvente, integrador, compreensivo, sistêmico, sobre o processo educacional; 2) olha o sujeito a partir de vários ângulos, identificando os elementos que considera importante fomentar para que sua educação seja completa (Klein, 2017, p.1).

Considerar os sujeitos alunos sob múltiplos ângulos possibilita compreender a urgência de uma educação capaz de ressignificar suas existências, oferecendo, especialmente aos jovens, meios para se posicionarem no mundo de forma consciente e crítica, promovendo e fortalecendo, assim, a dignidade humana de todos e de cada um.

Nesse sentido, temos como marco referencial da Educação Jesuítica alguns documentos norteadores, que refletem sobre as formas que a Rede Jesuíta de Educação busca responder aos desafios contemporâneos.

Quando lemos, por exemplo, em Características da Educação da Companhia de Jesus (1989), que “o objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana.” (Companhia de Jesus, 1989, p. 25), entende-se que a educação está para além da aquisição de competências básicas e acadêmicas, apesar de fundamentais para a formação educacional. Além disso, há um objetivo amplo de reconhecimento das habilidades de todo e cada indivíduo, da necessidade de fortalecimento e aprimoramento dessas habilidades para então colocá-las a serviço da comunidade humana.

Neste sentido, o que seria esse reconhecimento das habilidades de cada indivíduo se não um olhar para dentro e perceber-se único, permitindo-se sentir, olhar e ouvir o que há de melhor em si, para então discernir suas potencialidades, reconhecer suas fragilidades e aprimorar o que há de mais precioso em cada um. Diante desse ponto de vista, entendo ser a isso que se propõe a formação integral proposta pela Educação Jesuítica.

Pe. Gerardo Remolina (2005, p.16) aponta que “a educação jesuíta tem que insistir no valor da pessoa humana e de cada indivíduo em particular, exercitando-se com um cuidado e atenção a cada pessoa, abrindo-a ao crescimento contínuo ao longo da vida.” Ao falar sobre o Paradigma Pedagógico Inaciano – PPI, no livro Pedagogia Inaciana – Uma proposta Prática (1993), um dos documentos basilares

sobre educação na Companhia de Jesus, evidencia-se a busca por integração de um processo de formação que se faça de forma contínua e que envolva contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação de maneira cíclica, durante a vida inteira do sujeito, promovendo nos mesmos que se tornem pessoas maduras, equilibradas e justas.

Uma dessas características fundamentais do Paradigma Inaciano (1993) é o processo de reflexão que se propõe desenvolver através da formação integral. Tal importância se torna evidente, principalmente diante de tudo que já colocamos acima a respeito dos sujeitos contemporâneos, e levando em consideração que para transformar a realidade apontada precisamos, sim, cada vez mais, refletir sobre o que estamos nos tornando, sobre nossa existência e sobre o que nos atravessa enquanto seres humanos e parte de uma comunidade. Por isso acredita-se que promover, no contexto educacional, um ambiente para reflexão dos diferentes aspectos do conhecimento adquirido na escola e nas atividades humanas propostas, traz sentido às experiências vivenciadas em conjunto, conforme apontado no livro *Pedagogia Inaciana* (1993).

Esta reflexão é um processo formativo e libertador. Forma a consciência dos alunos (suas crenças, valores, atitudes e, até mesmo, sua forma de pensar), de tal sorte que os desafia a ir além do puro conhecimento e passarem à ação (ICAJE, 1993, p. 55).

Quando nos referimos à formação integral para a Educação Jesuítica, nos debruçamos em três dimensões principais que norteiam nossas ações, são elas: dimensão cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa. A formação integral visa ao desenvolvimento do sujeito em sua integralidade, e para se constituir em sua integralidade, ele precisa conseguir olhar para si e para o mundo com a mesma afetividade, sensibilidade e criatividade, entendendo que somos e estamos sempre para o mundo, e temos condições de deixá-lo melhor, nos colocando a serviço do outro e sendo transformado por ele.

Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, nos convida a “sentir e saborear internamente as coisas” (*Exercícios Espirituais*⁴, 1999), indicando

⁴ Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola consistem em um conjunto de práticas de oração, meditação e contemplação organizadas de forma estruturada, com o objetivo de ajudar a pessoa a discernir a vontade de Deus em sua vida e ordenar seus afetos interiores. Elaborados no século XVI, os Exercícios constituem o fundamento espiritual da tradição inaciana e visam promover

um modo profundo e experiencial de relação com o mundo e consigo mesmo. Essa postura interior dialoga diretamente com a proposta de uma formação integral, na qual o atravessamento das dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa ocorre de maneira fluida, contínua e coerente. Compreende-se, assim, que a educação vai além da simples aquisição de conhecimentos (dimensão cognitiva), envolvendo também a formação de sujeitos equilibrados e reflexivos, capazes de pensar a si mesmos e ao outro com sensibilidade e responsabilidade (dimensão socioemocional), e, ainda, a construção de um projeto de vida pautado pelo discernimento e pelo compromisso com a espiritualidade e o bem comum (dimensão espiritual-religiosa).

Refletir sobre os efeitos de uma educação comprometida com a formação integral constitui um desafio diante do contexto contemporâneo pautado por ideais neoliberais. Portanto, nós, enquanto agentes da educação, precisamos estar atentos e buscar maneiras de transformar a realidade. Bernard Charlot (2019) alerta que a sociedade encontra-se fragmentada, buscando recursos para construir suas bricolagens:

Sendo assim, cada um tem que produzir as suas bricolagens psicológicas, éticas, ideológicas, estéticas, pedagógicas etc. Nunca antes na história, o indivíduo foi tão livre e, provavelmente, nunca o sujeito foi tão abandonado a suas próprias bricolagens normativas (Charlot, 2019, p. 169).

Torna-se necessário refletir constantemente sobre que ferramentas estamos dando a esses sujeitos para se constituírem de maneira coesa e promovendo neles sustentabilidade em suas ações e decisões pois, se buscamos uma educação que seja humanística, precisamos, de alguma maneira, ir na contramão da lógica do neoliberalismo que já falamos aqui, sem reduzir nossos jovens a lógica performática e de concorrência, e encontrando espaço para um desenvolvimento que seja mais fluido e ao seu tempo. Corremos tanto para acompanhar os novos tempos, as excessivas transformações e mudanças sociais, que nos esquecemos o quanto o próprio desenvolvimento humano ocorre de maneira gradual e respeitando seus processos.

Por exemplo, quando em *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1989), falamos do *Magis*, precisamos de cautela para que isso não se torne mais uma engrenagem dessa lógica mercadológica, pois

“Mais” não implica uma comparação com outros nem uma medida do progresso, em relação a um padrão absoluto. Antes é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa da sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros (Companhia de Jesus, 1989, p. 59).

Até porque, e principalmente, para viver esse *magis* precisamos aprender a saborear as coisas, e fortalecer essa visão de que existe algo melhor em cada indivíduo que pode ser fortalecido e potencializado. Se não nos atentamos a isso, seremos mais um espaço de busca incessante por performance e desempenho.

O Projeto Educativo Comum - PEC (RJE, 2021) quando fala da dimensão curricular, nos confronta a pensar o currículo escolar buscando educar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas, entendendo ser esse o pilar para uma formação integral, promovendo com isso uma educação de excelência. A Identidade Inaciana é o que traz todo o contexto humanizador para a nossa prática pedagógica, principalmente quando nos provoca a pensar as demandas de cuidado com a pessoa, levando em consideração a necessidade de uma formação que não seja puramente intelectual, mas que traga aos sujeitos que são impactados pela Educação Jesuítica um olhar para a espiritualidade, para o discernimento e para o amor serviço. Trata-se de um

Processo permanente e sistêmico pelo qual ela adquire informações, conhecimentos, habilidades e valores, por meio de múltiplas experiências de contato com a realidade, com vistas à ação com os outros para a construção de um mundo melhor para todos. Finalmente, entende-se por “integral” a aprendizagem mais ampla e o melhor aproveitamento que cada um pode alcançar (PEC, 2021, p. 68).

A partir de uma escuta atenta aos sujeitos e de uma compreensão fundamentada em estudos sobre a formação integral, é possível perceber na RJE o cuidado e compromisso com a formação humana de cada estudante, o que está evidente nos documentos atuais da RJE. Diante disso, se coloca para nós o desafio de, no chão das salas de aula e escolas, trazer legitimidade a isso que tais

documentos nos provocam, e na prática, começar a promover tais transformações. É desafiador, pois vamos, como já dito anteriormente, na contramão de uma configuração social que tem se consolidado pela lógica de ideais neoliberais. No entanto, tal configuração social tem olhado pouco para as singularidades das pessoas, o que pode ser contraditório, se considerarmos se tratar de tempos solitários e individualistas, mas que na íntegra, são superficiais e pouco solidificados.

Ao discernir sobre o papel de formação humana da RJE, o documento *Colégios Jesuítas: Uma tradição Viva no século XXI* (2019) reflete sobre os desafios e oportunidades que existem neste processo de constante transformação da época em que vivemos. Para isso, essa obra apresenta alguns identificadores que norteiam a missão educativa da RJE. Vou me deter aqui a dois destes identificadores, que conversam sobremaneira com o que refletimos até aqui sobre a perspectiva da formação humana. Trata-se do identificador número 2: Os Colégios Jesuítas estão comprometidos em criar um ambiente seguro e sadio para todos; e o identificador de número 9: Os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Excelência Humana.

Após discorrer acerca das constituições subjetivas contemporâneas, principalmente dos sofrimentos que elas carregam, é instigante pensar em ambientes seguros e sadios para todos. Afinal, trata-se de uma mudança cultural necessária, e que para ser consolidada, será preciso promover espaços de escuta, acolhimento e segurança. Precisaremos promover ambientes onde o ócio será nossa ferramenta principal, para assim abrirmos espaço para a criatividade, para a construção e expressão espontânea do ser humano que há em cada um, protegendo-os de violências e abusos tão presentes no contexto atual.

Por fim, ao se comprometer com a excelência humana, o *Tradição Viva* (2019) nos desafia a ser agentes de transformação social ao incutir na formação de nossos jovens que se tornem sujeitos, principalmente,

Conscientes, porque, além de conhecer a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorizar e cultivar uma vida espiritual, têm um conhecimento e uma experiência consistentes da sociedade e de seus desequilíbrios (ICAJE, 2019, p. 68).

Por isso, as dimensões socioemocional e espiritual-religiosa são essenciais para a nossa prática. Não há como pensar na construção desses sujeitos conscientes, se nos determos apenas ao saber acadêmico/conceitual.

Compreendemos a excelência acadêmica como um compromisso essencial e inegociável, pois ela permite um diálogo substancial sobre a qualidade educacional. No entanto, para alcançar a excelência humana que nos comprometemos, faz-se necessário articular as demais dimensões, igualmente importantes para o processo de formar cidadãos inteiros, que sejam capazes de responder aos desafios socialmente colocados a eles com competência, coerência, conhecimento e responsabilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho, busquei compreender os diferentes atravessamentos que se configuram na constituição dos sujeitos contemporâneos, através do viés psicanalítico, para com isso refletir sobre os desafios enfrentados por estes frente à sociedade que se mostra marcada pela fluidez, pelo individualismo e por essa lógica neoliberal de desempenho, performance e competitividade. Diante desse contexto, foi possível perceber o quanto os discursos atuais e as lógicas sociais impactam na construção subjetiva de cada um, moldando assim os modos de sofrimento atuais.

Como sujeitos constituídos na linguagem, e profundamente marcados pelas diversas relações estabelecidas, desde a primeira infância, tornou-se ponto de reflexão o quanto as influências sociais são determinantes nesta construção subjetiva. Diante disso, as transformações que a contemporaneidade evidenciou nos modos de ser e se colocar socialmente atualizam as definições de sofrimento, subjetividade e, principalmente, a definição de indivíduo.

Perante o contexto no qual estou inserida, enquanto psicóloga e orientadora educacional dos anos finais do ensino fundamental, toda essa percepção torna-se ainda mais evidente. Existe um contexto clínico que se apresenta frente às diferentes formas de adoecimento psíquico, e principalmente o contexto educacional, evidenciando o quanto os jovens (crianças e adolescentes) se apresentam diante das demandas sociais em que são confrontados.

Os estudos e fundamentos teóricos apontados nesta pesquisa são ainda provocadores de outras reflexões a respeito da construção da subjetividade, sobretudo em crianças e adolescentes, e do impacto que as novas lógicas sociais têm no seu desenvolvimento. Persiste, ainda como inquietação e possibilidade de

novas pesquisas, a questão das tecnologias, a interferência da inteligência artificial e o uso/impacto das redes sociais no aparelho psíquico desses sujeitos. Afinal, trata-se de uma geração imersa e moldada pelo uso das tecnologias e novas formas de relacionamento, que se evidencia cobrar um alto preço à saúde psíquica individual e coletivamente.

Diante desse cenário, a Formação Integral, fundamentada na Educação Jesuítica torna-se um caminho possível de reconstrução dessa lógica socioemocional evidenciada. Ao olhar para os indivíduos de forma plena, considerando a sua integralidade, tem-se a possibilidade de promover uma cultura do desenvolvimento educacional que valorize cada vez mais o sentir e saborear as coisas internamente, provocando-os à transformação pessoal e social.

Muito fala-se, para a Educação Jesuítica, do *Magis* enquanto uma forma de ser e se colocar no mundo, e talvez um caminho possível de mudança seja o aprofundamento desse conceito, com um olhar crítico e atento, para que não se transforme em mais uma justificativa de alta performance e competição intrínseca culturalmente, e sim seja uma ferramenta para interiorização de valores inegociáveis e fundamentais para o pleno desenvolvimento desses sujeitos, que provocarão a tão esperada (e necessária) transformação social.

Essa perspectiva envolve diretamente toda uma comunidade educativa que, como apontado nos documentos da Companhia de Jesus, já é desafiada a ser agente de transformação. Nesse sentido, faz-se necessário outros aprofundamentos e espaço de escuta e atenção à comunidade educativa, buscando compreender o quanto os mesmos também são impactados por tal lógica social, através de pesquisas institucionais que tragam dados sobre a saúde emocional dos educadores e gestão, e paralelo a isso abrir margem para o fortalecimento e formação pessoal que, minimamente, proporcione pensamento crítico, criativo e consciente para ser frente ao que tem-se visto enquanto realidade psíquica e social no meio educacional.

Em tempos de respostas imediatas e superficiais, nos quais o sujeito é convocado a ser produto e não pessoa, comprometer-se a formar humanos integralmente torna-se muito mais do que apenas um ideal pedagógico, trata-se de um gesto urgente de transformação social, psíquica, ética e global. Esse gesto encontra terreno fértil na proposta da Formação Integral, que, ao reconhecer a complexidade e a singularidade de cada sujeito, oferece não só um caminho de

humanização, mas também a possibilidade concreta de reconstrução de vínculos, de ressignificação do sofrimento e de promoção de uma cidadania sensível, crítica e comprometida com o bem comum. É nesse horizonte que a Educação Jesuítica se firma como resposta possível e necessária aos desafios do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**; Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 3. ed. ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COMPANHIA DE JESUS. **Características da educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Boitempo, 2021. (Coleção Pandemia Capital).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. **Obras completas: volume 16 (1923-1925)** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras completas: volume 18 (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. Tradução de Lígia Azevedo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

ICAJE – COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento**. Roma: Companhia de Jesus, Secretaria para a Educação Secundária e Pré-Secundária, 2019. Versão brasileira: Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil.

ICAJE – COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA. **Pedagogia inaciana: uma proposta prática**. Tradução de Pe. Maurício Ruffier, S.J. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KLEIN, Luiz Fernando. **A educação integral segundo a pedagogia inaciana.** Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI, 4 set. 2017.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro e outros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios espirituais.** Tradução de Vital Cordeiro Dias Pereira, S.J.; organização e notas de F. de Sales Baptista, S.J. 3. ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999.

PINTO, Vinícius Soares. **Magis inaciano e discernimento: fortalezas para gestão.** 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Educacional) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2021.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto educativo comum da Rede Jesuíta de Educação Básica:** 2021-2025. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **O Eu Soberano: ensaio sobre as derivadas identitárias.** Tradução de André Telles. São Paulo: Zahar, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.